

O SEGUNDO MANDATO

(O Estado de São Paulo – 17/11/2006)

Nada obstante toda a publicidade eleitoral, o primeiro mandato do Presidente Lula foi, economicamente, medíocre.

Seus defensores, ao compararem períodos de estagnação com período de expansão mundial, terminaram por distorcer os dados apresentados, jamais conseguindo justificar o pífio crescimento de 2,3% (o segundo pior da América Latina), em 2005. Por outro lado, a absurda carga tributária de 37,5% (a maior do mundo, pelos critérios PIB, renda per capita e retorno em serviços públicos), as derrotas colecionadas no campo da política externa (não obtenção de cadeira no Conselho de Segurança; capitulação perante a Bolívia; a perda da liderança continental para Chaves e Kirchner; a perda da cadeira na Corte Internacional de Haia; a perda de competitividade internacional perante as grandes baleias da economia mundial -China, Rússia e Índia- e uma série de outras ações menos felizes); a queda de investimentos, de 17%, em 2005, contra um crescimento internacional de 29%, e muitos outros elementos configuraram um dos governos de menores resultados, no cenário global, além de ter convivido com os maiores escândalos de corrupção da história democrática do Brasil, ainda não esclarecidos.

Quando o Presidente Lula diz que o seu governo propiciou a operação “mãos limpas”, não disse que a corrupção veio a público independente e contra a vontade de seu governo, de vez que a sociedade só tomou conhecimento do que se fazia para obter acordos no Congresso graças às denúncias de Roberto Jefferson e à atuação serena do Procurador-Geral da República. Sete casos, pelo menos, macularam seu governo (Waldomiro, mensalão, sanguessugas, vampiros, Vedoin, Correios e quebra de sigilo bancário do caseiro).

Por outro lado, o caos nos Aeroportos apenas demonstrou a falta de investimentos no setor de controle do tráfego aéreo, lembrando que as forças armadas, que respondem pela segurança nacional –e não pública- receberam pouquíssimos recursos para seu reaparelhamento.

A seu favor há de se computar a bolsa-família, programa de maior extensão e menor qualidade que o bolsa-escola do governo Fernando Henrique, assim como ter o Ministro Furlan –um de seus bons ministros- aproveitado a supervalorização de “commodities” no mundo, para vender pouco mais do que se vendia no passado.

Apesar de muitas vezes ter sido criticado por elogiar o Ministro Márcio Thomaz Bastos, entendo que, graças a seu bom senso, o Presidente Lula acertou na nomeação de 6 Ministros de excelente curriculum para a Suprema Corte.

Para o segundo mandato, espera-se mais do Presidente Lula. Que ele seja lembrado como um grande Presidente, na história do Brasil, ou que se transforme em mera referência bibliográfica, é escolha sua.

Decididamente, terá que cercar-se de melhores colaboradores. Terá que buscar grandes nomes para seus Ministérios, mantendo aqueles que têm dado conta de suas missões, como Furlan, Meirelles, Patrus Ananias e Márcio Thomaz Bastos, se este quiser permanecer na Pasta da Justiça. Nas suas respectivas áreas, foram bem. É de se lembrar que, logo em 2007, haverá mais uma vaga de Ministro para o STF. Que saiba, mais uma vez, escolher um nome à altura do Pretório Excelso.

Terá ainda que pensar em inserir o Brasil - como fizeram Rússia, China e Índia - no contexto das grandes nações, procurando, em matéria de parceria econômica, fazer “opção preferencial pelas nações ricas”, para conseguir maiores resultados e melhores oportunidades. É de se lembrar que “a opção preferencial pelos países latino-americanos” tem trazido péssimos resultados, com derrotas sucessivas

Ives Gandra da Silva Martins

nas negociações com a Argentina e a Bolívia, reações negativas do Uruguai e Paraguai, e perda da liderança continental, conquistada em 2003, para este aprendiz de ditador, que é Chaves.

Se quiser passar para a história, deverá, por outro lado, fortalecer a democracia, com as corretas teses, por ele já defendidas, de fidelidade partidária e financiamento público de campanhas (elaborei texto neste sentido, para o anteprojeto do TSE de reforma eleitoral, em 1996), pois a democracia forte é alicerce fundamental para o desenvolvimento.

Terá, todavia, que abandonar projetos que voltam a preocupar, como o de tornar a Polícia Federal um Ministério (o que, aliás, seria inconstitucional) e impor o controle à imprensa e aos artistas.

À evidência, não deverá permitir a flexibilização da lei de responsabilidade fiscal, que provocará o retorno aos precatórios não pagos, aos calotes oficiais e à perda de credibilidade junto às instituições nacionais e internacionais.

Por fim, terá que fazer a lei mais respeitada e não prestigiar os estupradores da ordem que, através de invasões ilegais, põem em risco a segurança jurídica. Reforma agrária se faz no Congresso e não mediante o uso da violência. A tese que o MST defende, de apropriação de terras produtivas para culturas familiares e de combate ao agronegócio, representaria fazer com que a agricultura brasileira - considerada das mais avançadas no mundo, sendo essa a razão pela qual a União Européia não quer rever sua política de subsídios - voltasse aos tempos da idade da pedra.

Enfim, o Presidente Lula está no limiar de segundo mandato. Se souber se livrar de seus conselheiros radicais, poderá, porque tem carisma, desempenhar um relevante papel na história do País. Para isto, talvez, tenha que pronunciar a prece encontrada nos escritos de um brilhante pensador: "Senhor, livra-me de meus amigos, pois dos inimigos sei me livrar".